

「 prosa/ficção 」

Henrique Barreto

Grandes animais

O corpo flutuava no fundo, sozinho e morto no tanque, subindo devagar. Quando os primeiros funcionários chegassem, seguramente a encontrariam ali, boiando à deriva. Mas isso seria depois. Ainda não havia ninguém no parque, nenhum visitante nas arquibancadas ou nos vidros de observação submersa, nenhuma testemunha do espetáculo de seu corpo emergindo contra a luz da manhã. Parecia uma mão tranquila, solta e repousando na água, mas era o corpo de Lisa.

Não estava sozinha — não completamente —, mesmo que a morte traga solidão: a grande baleia negra, que mordera seu corpo, dorso e pernas, que a arrastara até o fundo e para as profundezas, ainda nadava ao redor, alheia.

Circulava pela piscina como um animal.



Roman já havia tentado três, quatro empregos. A burocracia inicial e a lassidão das pequenas tarefas reforçavam o incômodo que já existia, diante da vida, desembocando finalmente na vontade de não retornar, até que um dia não retornava.

Tinha juntado algum dinheiro, não mais, misturando presentes da vida — uma tia distante — às suas economias e direitos trabalhistas pequenos. Somando tudo, dava para viver. Principalmente se continuasse assim, passando a maior parte do tempo enfiado em casa.



Circulava em seu pequeno cubículo e, enquanto as horas passavam, sentia que uma goma se acumulava na bolsa dos olhos, algo extraído da claridade e depositado ali, conforme a tarde avançava. Antes de dormir, era comum que seus olhos ainda estivessem arregalados. E de manhã, quando acordava, não parecia ter descansado.

Encarava Truman em seu aquário pequeno sobre a bancada, ainda antes de se levantar. Era vermelho, com reflexos azuis no corpo brilhante, e agitava as nadadeiras flamejantes e ameaçadoras, como se buscasse intimidar o inimigo que o encarava. Era apenas sua imagem refletida no espelho do aquário. Às vezes olhava para o peixe e se lembrava de uma vela acesa, incessante, incômoda.

Quando saía a procurar trabalho, o desleixo e as horas no quarto transpareciam: um segredo intuído pelo contratante, que buscava apressar a conversa. À espera de uma resposta, mergulhava no ócio com mais vigor, rolando as notícias no mouse, lendo algumas inteiras, mas depois não mais que as chamadas, até que só deslizava os conteúdos, varando tudo — a torrente de notícias, fotos, frases, eventos — sem compreender mais nada. Quando a luz da tela se tornava insuportável, pensava em sair, no mesmo passeio de sempre: sentar-se à beira do aeroporto e observar os aviões decolarem, tomando cerveja e fumando numa cadeira de praia, as águas de Truman vibrando com a força dos jatos; era como meditar.

Raramente fazia outra coisa.



A treinadora era jovem e seu corpo enxuto, de músculos tenros e bem-educados. Tratava a baleia como a um cão, e a plateia adorava a ideia, animada, como se isso fosse o máximo a que um animal pudesse almejar — ser amestrado.

A baleia enorme percorria a piscina e, diante da arquibancada, inclinava o corpo e acenava para a multidão. Num impulso da cauda, encharcava crianças nas primeiras filas e, em grandes saltos, esborrachava o corpo chapado na água. A treinadora aguardava no centro, até que o animal a erguesse em seu bico, de onde saltaria no fim de um impulso, fazendo acrobacias no ar. A cada truque, a baleia recebia um punhado

de peixes, um ato sutil em meio aos pedidos de aplauso e demais exaltações que faziam parte do show.

Roman sentou-se bem alto na arquibancada, de onde a piscina parecia pequena, e a baleia, um girino grande, encurralado numa poça de água. Nos vidros de observação submersa, depois do show, lembrou-se de Truman quando a baleia interrompeu suas voltas em torno do tanque. Parada diante do vidro, como seu peixe, empinou o corpo bem próximo e lambeu o ponto preciso em que Roman tinha as mãos espalmadas.



Era tudo diferente nas fotos, longe dos arrulhos da multidão. Parado, sem os movimentos educados em busca de comida, o animal apresentava-se mais avassalador. A treinadora parecia desprezível perto do animal, não mais que um detalhe na foto. Apoiada sobre ele, parecia demonstrar controle, mas nunca poderia contê-lo. Talvez nem os vidros, se a fera se lançasse num último ataque para a liberdade. O tamanho do bicho em relação ao tanque, calculou, era proporcional ao confinamento de Truman.

Voltou ao parque nas semanas seguintes, transformando as visitas num hábito. Compensava os gastos trabalhando como entregador, de bicicleta, pelas ruas da cidade. Sua vida mudava, vivia ao ar livre, agora, as pernas e pulmões mais fortes, cansados na cama quando a noite chegava. Quando não trabalhava, via o show da baleia. E completava a visita com o tour educativo que a treinadora — era Lisa seu nome — oferecia aos visitantes no final da tarde, quando as apresentações terminavam e a baleia descansava na piscina iluminada.

Gillian fora capturada no Atlântico Norte, pequena ainda, e acabara de parir um pequeno macho, Buddy, um grande feito para o Parque e sua equipe de cuidadores e veterinários. Assim que passasse pelo desmame, Buddy seria enviado a um parque mediterrâneo, onde seria treinado para seguir os passos da mãe. A primeira parcela já tinha sido depositada.



Não tardou para que Lisa confundisse o interesse daquele homem, certamente o tio de alguém, imaginando que repetia as excursões educativas não apenas pela baleia. Não era feio e parecia interessante, pergun-

tando quanto tempo Gillian vivera no mar, se algum dia voltaria, se às vezes se recusava a participar do show.

Lisa não estranhou, num dia em que saíram para beber, quando o homem disse que queria ver a baleia. A ideia era romântica, os dois na borda do tanque, com os pés balançando na água, enquanto o animal os pajeava elegantemente, como uma espécie de lua.



No dia seguinte, diante do aquário, o homem parecia mudar, mais sério, mais reservado, reparou que ele lhe beijava de olhos abertos. Tinha sido um erro trazê-lo até ali? Como faria para que fosse embora? Passaram algum tempo na borda, mas quase não se tocaram; apenas algumas palavras enquanto o homem contemplava a água.

Quando Lisa se distraiu, cansada, deitando-se sobre as costas, o homem retirou da jaqueta um pequeno saco plástico e, num movimento rápido — não podia alertá-la —, despejou seu conteúdo no tanque: era um pequeno peixe vermelho que nadou perdido até se fixar diante dos vidros de observação. A atitude era reprovável — sem dúvida —, mas quem saberia, quando o encontrassem (o pessoal da limpeza), como chegara até ali.

A treinadora se levantou de repente e exigiu um truque simples da baleia, esperando que isso fosse o suficiente para pôr fim ao programa: buscou o balde de sardinhas e pediu que a baleia se despedisse dos dois, chacoalhando a cabeça afirmativamente.

“Vamos Gillian, adeus”.

Deu-lhe um único peixe.

“Adeus, Gillian.”

“Adeus.”



Fora do espetáculo, sozinhos ali, tudo parecia mais deprimente, deslocado e fora de lugar, como se a baleia esplendorosa não passasse de uma artista velha e cansada, apresentando um número exausto, em troca de uma esmola qualquer.

Mesmo sem um motivo aparente, Roman deu um leve empurrão na treinadora, que se desequilibrou e, soltando um grito, caiu sobre o animal. O balde se chocou contra a água, esparramando um caldo de peixes.

A baleia se assustou.

Era uma quebra flagrante de protocolo.

Algo não cabia na água. ■

Henrique Lederman Barreto

Escritor, aluno do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz. Trabalha na finalização do romance *O Grande Branco* e no livro de contos *Hemisférios*, além da manutenção do blog de poesias www.saopoesias.wordpress.com.